

RESENHA

Mouffe, Chantal. For a Left Populism. London; Brooklyn, NY: Verso, 2018

O MOMENTO POPULISTA: A SAÍDA ESTÁ À ESQUERDA

Michele Diana da Luz¹

Resumo: A resenha apresenta os principais argumentos de Chantal Mouffe sobre o que ela denomina uma estratégia de intervenção política ante a crise de hegemonia liberal. Destacando que a crise em questão transpõe os limites econômicos, configurando-se em uma crise do próprio modelo de democracia vigente, a autora ressalta que a incapacidade das instituições existentes em assegurar sua aliança com o povo e de propor soluções para as demandas levantadas é o que caracteriza o momento populista, o qual tem sido melhor cooptado pelos partidos populistas de direita. A solução proposta é a rearticulação dos significantes hegemônicos através de um novo vocabulário, que aprofunde os valores constitutivos da política democrática de igualdade e soberania popular como protagonistas.

Palavras chave: Populismo; Democracia; Neoliberalismo; Hegemonia

Recebido em: 12/07/2019

Aceito em: 17/11/2019

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas e Membro do Grupo de Pesquisa Ideologia e Análise de Discurso – micheledluz@gmail.com.

THE POPULIST MOMENT: THE WAY OUT IS ON THE LEFT

Abstract: The review presents Chantal Mouffe's main arguments on what she defines as a strategy of political intervention in the face of a crisis of neoliberal hegemony. Stressing that the crises goes beyond the economic sphere, constituting a crisis of the current democratic model itself, the author emphasizes the incapacity of existing institutions in securing its alliance with the people and in proposing solutions for their demands is what characterizes the populist moment, which has been more successfully captured by right-wing populist parties. The remedy suggested is to rearticulate the hegemonic signifiers through a new vocabulary that deepens the constitutive values of equality and popular sovereignty of democratic politics.

Keywords: Populism; Democracy; Neo-liberalism; Hegemony

O populismo é um conceito cujo emprego sempre implica em críticas. Em voga novamente devido às múltiplas experiências contemporâneas identificadas como expressões suas, o termo tem vivido um novo *momentum*, tanto à esquerda quanto à direita, dentro e fora da academia.

Em "*For a left Populism*" (Por um Populismo de Esquerda) a filósofa política Chantal Mouffe apresenta o que denomina como "uma proposta de intervenção política". Deixando claro que o livro não tem a pretensão de servir como resolução teórica acerca do populismo - apesar de esta intenção perpassar subliminarmente a narrativa da obra - a autora opta pelo princípio maquiaveliano de situar sua reflexão na conjuntura que analisa, a qual circunscreve à realidade dos países da Europa Ocidental. Tal delimitação é justificada pelo entendimento de que os países do leste europeu e da América Latina, assim como suas respectivas culturas políticas, requerem uma análise peculiar, a qual opta por não fazer no momento.

O argumento central da autora é apresentado com clareza logo no início da obra: para interferir na crise de hegemonia é necessário que se estabeleça, primeiramente, uma nova fronteira política e, principalmente, que o populismo de esquerda, entendido como uma estratégia discursiva de construção de fronteiras políticas entre "o povo" e a "oligarquia", constitua, na presente conjuntura, o tipo de política necessária para recuperar e aprofundar a democracia (Mouffe, 2018, p. 4). O que isso implica em termos empíricos, no entanto, é mais adequadamente desdobrado no decorrer do livro.

De antemão, é importante esclarecer que a formulação de populismo da qual a autora parte é a de Ernesto Laclau, cujas bases restam na formulação da teoria do discurso², elaborada por Laclau e Mouffe anos antes e aprimorada por Laclau em sua Obra "A razão populista". Assim sendo, o populismo é aqui entendido como uma estratégia discursiva de construção de uma fronteira que divide a sociedade em dois campos e a mobilização dos desfavorecidos contra aqueles no poder (Laclau, 2005).

Conforme a teoria laclauiana, esta divisão é a forma pela qual o povo do populismo se constitui, através da articulação das demandas democráticas em uma cadeia de significantes unificada simbolicamente mediante a mobilização política, que possibilita o corte antagônico que separa o povo do poder institucional. Um dos pontos principais a se ter em mente a respeito desta concepção de populismo é que para Laclau e Mouffe, a construção do povo deriva da tentativa de dar um nome à plenitude ausente do social. Trata-se, assim, da cristalização uma identidade discursiva, a qual não possui um núcleo predeterminado, uma vez que suas condições de emergência estão adstritas à contingência. Por não possuir um conteúdo pragmático específico, tampouco deve ser entendido como uma ideologia ou regime político. O populismo, na definição dos autores é "uma forma de fazer política", que pode assumir vários formatos ideológicos, de acordo com o lugar e o tempo, sendo igualmente compatível com uma variedade de enquadramentos institucionais.

² Hegemony and Socialist Strategy (1985).

Dito isto, a premissa inicial da qual Mouffe parte em “O momento populista” é a afirmação de que o cenário atual nas democracias europeias é o de um “momento populista”, decorrente da crise da hegemonia liberal, cujo primeiro abalo sério se mostrou na crise financeira de 2008. Alegando que a crise em questão não se restringe ao domínio econômico, mas concerne a toda uma concepção de sociedade cujos limites começaram a ser, a partir de então, mais claramente expostos, a autora assevera que a visível incapacidade das instituições existentes em assegurar sua aliança com o povo revelou-se sintomática em vários casos, quando estas, ao serem confrontadas, optaram por dar prioridade à ordem existente.

Conforme argumenta, a falta de solução para esta crise é justamente o que caracteriza o momento populista, cujo cerne reside na expressão de uma variedade de resistências às transformações políticas e socioeconômicas vivenciadas durante os anos de hegemonia do neoliberalismo (demandas insatisfeitas). Em sua visão, essas transformações levaram a uma situação de pós-democracia, por ela entendida como a erosão dos dois pilares de uma democracia ideal: igualdade e soberania popular. Aprofundando este argumento, a autora esclarece que quando falamos de democracia na Europa, estamos falando de um modelo específico, que é um regime político caracterizado pela articulação de duas tradições diferentes: por um lado, a tradição do liberalismo político, que apresenta a democracia como o império da lei, da defesa da liberdade e respaldada na separação dos poderes; por outro, a tradição democrática circunscrita às ideias de igualdade e soberania popular.

O entendimento de pós-democracia de Mouffe pretende avançar nas conceituações apresentadas por Colin Crouch³ e Jacques Rancière⁴ ao inserir em sua formulação uma nova faceta do neoliberalismo. Nesta compreensão, o que caracteriza a pós-democracia é o fato de que, nos anos recentes, a tensão agonística entre os princípios liberais e democráticos (constitutivos da democracia) foram eliminados, de modo que a democracia foi reduzida ao seu componente liberal, significando apenas a presença de eleições livres e a defesa de direitos humanos. As eleições não mais oferecem aos cidadãos a oportunidade de uma decisão real através dos partidos, de modo que a única escolha possível é entre partidos de centro-direita e centro-esquerda. Assim, a política se tornou um mero instrumento de gerenciamento da ordem vigente, fazendo da soberania popular obsoleta.

Mouffe retoma, então, o conceito de pós-política⁵, que diz respeito a diluição das fronteiras políticas entre direita e esquerda, para reforçar que a submissão dos partidos social-democratas às sanções do capital financeiro eliminou a possibilidade de uma luta entre diferentes projetos de sociedade - condição para o exercício da soberania popular - assim como a defesa da igualdade do discurso liberal-democrático.

Para além disso, esses partidos demonstraram também a incapacidade de entender o momento populista e encarar o desafio que ele representa por estarem presos aos seus dogmas pós-políticos e relutantes em admitir seus erros, o que impede que reconheçam que muitas das

³ Colin Crouch, *Post-Democracy* (Cambridge, 2004).

⁴ Jacques Rancière, *Disagreement: Politics and Philosophy* (University of Minnesota Press, 1999).

⁵ Chantal Mouffe, *On the Political* (Abingdon, UK: Routledge, 2005).

demandas articuladas pelos partidos populistas de direita são demandas democráticas, para as quais uma resposta progressista deve ser dada, especialmente por virem de grupos que foram os principais afetados pela globalização neoliberal.

Como a experiência europeia mostrou, inicialmente, a maior parte das resistências contra o consenso veio da direita, que foi capaz de traduzir as demandas de setores populares que se sentiam excluídos do consumo dominante em uma linguagem nacionalista e criando uma bem-sucedida fronteira entre o povo *versus* o establishment político. No entanto, esse panorama mudou em 2011, quando manifestações antiglobalização e antiausteridade, como os “movimentos das praças”⁶, tomaram este espaço, sendo interpretados como sinais de despertar político após anos de relativa apatia.

Para Mouffe, o que está em jogo no momento populista é como as resistências da pós-democracia serão articuladas e como o povo será construído, o que em seu entendimento não requer uma quebra revolucionária com o regime liberal-democrático. O que deve estar em pauta é uma estratégia adequada para estancar a emergência dos partidos populistas de direita em sua cooptação do sentimento de abandono e desejo por reconhecimento democrático dos eleitores.

Usando a experiência do Thatcherismo como exemplo, a autora sustenta que a ação decisiva deve ser o estabelecimento de uma fronteira que quebre com o consenso pós-político entre a centro-direita e a centro-esquerda. Sem definir um adversário, nenhuma ofensiva hegemônica é possível de ser lançada, o que implica desafiar a visão de democracia como consenso e restaurar os valores democráticos da igualdade e da soberania popular. Seu otimismo ampara-se na percepção de que essa intervenção é possível porque esses valores democráticos seguem tendo um papel significativo no imaginário político de nossas sociedades, nas quais o significativo democracia estabelece uma conexão com valores políticos centrais às aspirações populares. Por isso, uma estratégia populista de esquerda deve estar inscrita na tradição democrática, mas seu sentido deve ser reativado para subverter a ordem hegemônica e criar uma ordem diferente.

Mouffe vê na construção de um “povo” e de uma “vontade coletiva” que resultem da mobilização de afetos comuns na defesa da igualdade e da justiça social a possibilidade de combate às políticas xenófobas promovidas pelo populismo de direita. Nesse sentido, seu argumento é que, para barrar a ascensão do populismo de partidos de extrema-direita, é necessária uma resposta política adequada, que deve vir através de um movimento populista de esquerda que una todas as demandas democráticas contra a pós-democracia. Para tanto, é preciso ter em mente que, ao invés de excluir *a priori* os eleitores de partidos populistas de extrema-direita e vê-los como motivados por paixões atávicas - condenando-os, assim, a serem prisioneiros dessas paixões - é necessário reconhecer o núcleo democrático na origem de muitas de suas demandas.

⁶ Ganham maior destaque os Movimentos 12M (Portugal) e o 15M ou Indignados (Espanha).

Neste ponto específico sua visão destoa de algumas correntes atuais⁷ que repelem o uso do populismo para referir-se aos fenômenos políticos protagonizados pela direita na Europa atualmente. Para Mouffe, classificar os partidos como “extrema-direita” ou “neofascistas” e atribuir-lhes o grande apelo à falta de educação dos seus seguidores (ou seja, estabelecer uma fronteira moral) é, além de errado, conveniente para a centro-esquerda, pois lhe permite desqualificá-los sem ter que admitir sua própria responsabilidade por sua emergência. A “demonização dos inimigos” pode ser uma estratégia moralmente confortante, mas é politicamente enfraquecedora.

Seu argumento é que uma abordagem populista de esquerda deveria tentar prover um novo vocabulário, visando orientar estas demandas em direção a objetivos mais igualitários⁸. Trata-se de consolidar uma disputa hegemônica, o que requer a desarticulação de práticas sedimentadas na formação existente e, através da transformação dessas e da instauração de novas práticas, o estabelecimento dos pontos nodais de uma nova formação hegemônica. Isso requer a rearticulação dos significantes hegemônicos e de sua forma de institucionalização, o que pressupõe a disponibilização de uma linguagem diferente, para que essas pessoas possam significar sua situação de um modo diferente e se juntem a disputa progressista.

Articular a democracia com a igualdade de direitos, com a apropriação social dos meios de produção e com a soberania popular é, para Mouffe, um caminho para comandar e atualizar diferentes práticas socioeconômicas. Ao propor uma articulação que confronta a atual - que se dá com o livre mercado, com a propriedade privada e com o individualismo irrestrito - o que se vislumbra é a constituição de um novo bloco histórico de modo transversal, que possa estabelecer e aprofundar os valores constitutivos da política democrática de igualdade e soberania popular como protagonistas.

Mouffe alerta ainda que na conjuntura atual a construção da dimensão populista não é suficiente e sustenta que é necessário que se qualifique como populismo de esquerda, uma denominação que deve ser empunhada com clareza e tomada como princípio norteador. Essa apropriação é necessária principalmente porque o caminho sugerido - recriar novas fronteiras políticas - têm o potencial ter o efeito contrário ao desejado e levar a regimes autoritários que enfraqueçam as instituições. Por isso a importância de se ter como fundamento desta articulação valores pluralistas e igualitários.

Ainda que a autora pontue que sua reflexão adstringe-se ao contexto europeu, seus argumentos levam a pensar nas experiências recentes para além das fronteiras do velho continente. A crise da pós-democracia mostra suas facetas em diferentes pontos do globo, onde a eleição de líderes de uma direita radical e autodeclarada antissistema expõem a insatisfação das pessoas com a classe política e com a situação econômica na qual se encontram. A eleição de figuras como Donald Trump nos EUA e Bolsonaro no Brasil demonstram que as demandas

⁷ Representada por autores como Enzo Traverso (2019) e Lazzarato (2019), que preferem classificar os movimentos de extrema-direita contemporâneos como fascistas e pós-fascistas. Pode-se incluir ainda nesta lista o historiador Frederico Finchelstein (2017), que apesar de se referir a estes movimentos como populistas, os entende como uma evolução do fascismo.

⁸ A proposta de Chantal Mouffe tem proximidade com argumentos já apresentados por autores como Stavrakakis (2014).

dispersas no tecido social têm sido melhor mobilizadas e articuladas por uma direita cada vez mais extremada e intolerante. Antes disso, indica o sucesso da mobilização de afetos por meio de uma retórica reativa e polarizante, na qual os adversários cada vez mais são vistos e atacados como inimigos.

Neste sentido, a obra de Mouffe capta adequadamente este aprofundamento e se mostra uma estratégia interessante à realidade posta. Entretanto, sua proposta por um populismo de esquerda não consegue ir muito além da reafirmação de sua defesa de um modelo agonístico de democracia radical. Ao apontar a articulação de valores pluralistas e igualitários como o caminho para enfrentar o avanço da extrema-direita o que está implícito é a sublimação do antagonismo (inicial) em agonismo. Um caminho que não extrapola os limites de uma formulação liberal da democracia e as implicações que dela decorrem, mas se considerado como uma estratégia política, como a autora sugere, tem sua validade como ferramenta de rearticulação da esquerda.

Referências bibliográficas

- Crouch, Colin. 2004. *Post-Democracy*. Cambridge, UK: Polity.
- Finchelstein, Frederico. 2017. *From Fascism to Populism in History*. Oakland, CA: University of California Press
- Laclau, Ernesto. 2005. *On Populist Reason*. New York and London: Verso.
- ____ & Mouffe, Chantal. 1985. *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. New York and London: Verso.
- Lazzarato, Maurizio. 2019. From Pinochet to Bolsonaro and Back again. University of Brighton, Brighton, UK. "Fascism? Populism? Democracy? Critical Theories in a Global Context".
- Mouffe, Chantal. 2018. *For a Left Populism*. London: Verso.
- ____. 2005. *On the Political*. Abingdon, UK: Routledge.
- ____. 2000. For an Agonistic Model of Democracy. In: Mouffe, C. *The Democratic Paradox*. London: Verso.
- Rancière, Jacques. 1999. *Disagreement: Politics and Philosophy*, trans. Julie Rose. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Stavrakakis, Yannis. 2014. The Return of "the People": Populism and Anti-Populism in the Shadow of the European Crisis. *Constellations*, 21(4): 505-517.
- Traverso, Enzo. 2019. *The New Faces of Fascism: Populism and the Far-right*. London: Verso.